

Três Lagoas, MS

10/06/2023

Entrevistada: Vitor Wagner Neto de Oliveira

O professor Vitor Wagner Neto de Oliveira é professor titular do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas. Ele foi autor do projeto que resultou na criação do PET História Conexões de Saberes no ano de 2010, permanecendo como tutor do grupo até 2016. Essa entrevista tem o propósito de mapear a trajetória do professor no programa a fim de compreender os desafios da criação do Grupo e os primeiros contatos com o programa, além dos desafios inerentes a prática da educação tutorial nos primeiros anos do programa na UFMS. Numa perspectiva histórica e de memória a entrevista visa demonstrar a importância do PET História enquanto uma política pública de educação para o fortalecimento do curso de História, bem como para a formação dos integrantes do programa e para os demais acadêmicos do curso.

Portanto, por meio da gravação em vídeo, realizamos a entrevista transcrita para compreendermos as dificuldades da consolidação do Grupo PET no CPTL. Deste modo, foi elaborado um banco de questões objetivas com os atuais petianos e petianas, e assim, selecionamos as perguntas que possuíam afinidade com o objetivo desta entrevista.

É essencial que tal escolha ocorra de maneira criteriosa, visto que é um projeto que envolve a narrativa de um Programa de tamanha relevância para a Universidade e a Comunidade, tal programa, é uma ponte entre essas duas realidades sociais.

Entrevistador(e/as):

Gustava da Silva Bernardino - Acadêmico do 3º período do curso de História - UFMS/ CPTL. Bolsista do PET História Conexões de Saberes.

Rafaela Loreto Prado - Acadêmica do 5º período do curso de História da UFMS/ CPTL. Bolsista do PET História Conexões de Saberes.

Milena Ferreira Rodrigues - Acadêmica do 3º período do curso de História da UFMS/ CPTL. Bolsista do PET História Conexões de Saberes.

Maicon Luis Dias Salustiano - Acadêmico do 7º período do curso de História da UFMS/ CPTL. Bolsista do PET História Conexões de Saberes.

Matheus Medeiros Piquera - Acadêmico do 7º período do curso de História da UFMS/ CPTL. Bolsista do PET História Conexões de Saberes.

Luiz Carlos Bento - Tutor do PET História Conexões de Saberes CPTL.

Qual seu primeiro contato com o Programa de Educação Tutorial?

Bom, o primeiro contato mesmo foi por conta da publicação do edital, aí eu comecei a me aproximar e fui conhecer os grupos PETs que existiam na época, que era o da Geografia um dos mais antigos do campus e da UFMS, e já existia também o do curso de Enfermagem. Então eu fui conhecer, conversar com os tutores para pensar em uma proposta para a História. Eu não tinha participado de atividades do PET anteriormente ou ao menos não percebi, porque pode ser que a gente tenha participado de atividades com a Geografia e o PET estava e eu não percebia. Porque também tem isso em que você passa a perceber as coisas depois que você está dentro. Foi, portanto, na elaboração do projeto que eu conheci o grupo e o que era o Programa de Educação Tutorial.

Como foi a relação com os demais tutores e os demais PET's do CPTL na formação do PET História Conexões de Saberes?

Então, foi muito tranquila. Na época nós tivemos uma reunião com a professora Edma Aranha que era do grupo PET Geografia, uma das mais experientes, pois ela ficou muitos anos à frente do grupo PET. Ela nos deu orientação sobre como formular o projeto, o que era o PET baseado no tripé de ensino, pesquisa e extensão, ressaltando a atenção que teria que dar ao equilíbrio entre essas atividades. E depois com a formação dos grupos, logo em sequência em outubro de 2010 quando nós começamos, também antes

disso nós tivemos contatos e reuniões com a professora Sônia Jurado que era do grupo PET Enfermagem.

Depois disso, já aprovado o projeto, nós nos aproximamos bastante do grupo PET - Matemática Conexões de Saberes e também o PET Matemática, que na época, não sei se é ainda, o Conexões de Saberes da Matemática era coordenado pela professora Eugenia e o outro PET Matemática pelo Tamarozzi. Então foi muito tranquilo e muito legal. Nós passamos a participar de eventos aqui, coordenar eventos e desenvolver eventos aqui, mas também em âmbito estadual, nós fomos para algumas viagens com esses grupos. Mas foi muito boa essa aproximação, porque eles já tinham experiência, especialmente Geografia e Enfermagem.

Como foram as experiências do PET História nos primeiros encontros regionais e nacionais?

Eu não cheguei a participar de encontro nacional presencialmente. Eu lembro que um dos primeiros eventos nacionais do PET nós encaminhamos alunos, foi uma aluna na realidade que era a Marciana na época que estava no PET, que nós escolhemos coletivamente que iria representar. Ela foi para Tocantins e sem recursos. Compramos passagem, demos um jeito e ela foi para Tocantins. Nós tivemos representações, depois, de alunos que foram para Belém do Pará, enfim, vários eventos nacionais. Eu não cheguei a ir, mas os nossos alunos sempre se fizeram presentes porque a gente organizava de forma que eles pudessem participar.

No regional nós participamos de alguns eventos. O primeiro, eu lembro, foi em Ponta Porã. Fomos com um ônibus daqui, foram alunos da matemática, dos PETs aqui presentes, não só da História. Nós aproveitamos para fazer uma visita ao museu Cerro Porá que é um marco do final da Guerra do Paraguai ali na fronteira. Os alunos de história fizeram a visita a esse parque dentro do Paraguai.

Figura 1 – PET História no ECOPET - 2011



Fonte: Acervo do PET História

E os eventos sempre foram momentos de debates políticos sobre o que era o PET e também sobre a necessidade de apoio. Sempre foi uma questão colocada o apoio da UFMS, a contrapartida da UFMS para os grupos PETs porque o PET conexões de saberes da História entrou em uma leva de vários outros grupos, em um grande edital que entraram dezenas, não sei se centenas de PETs em todo o Brasil. Aqui mesmo nós criamos esse e mais os dois da matemática, acho que foram 3 em um único edital. Só que exigia contrapartida das instituições. Antes eram poucos grupos, então tinha uma equipe na PREG que se voltava para o PET. Com vários grupos eles tiveram que mudar e por mais funcionários, mas isso foi muito demorado e sempre foi um embate junto à Reitoria da UFMS, e também um debate nacional no que vem a ser o PET.

Nós chegamos a participar, nessa eu estava, em Brasília numa audiência pública na câmara dos deputados que discutia justamente os princípios do PET e o financiamento para o programa. Então sempre foi muito legal essa participação porque era um momento que você conhecia os diversos grupos da instituição e grupos nacionais e também era um espaço

da política do programa e da universidade como um todo. E aí a gente começou a pesquisar, não necessariamente presencial, os PETs em História. Isso a gente já tinha feito antes para formular a proposta do PET aqui. Nós não conhecíamos o programa e não sabíamos que existia grupos na história, e aí a gente foi pesquisar e encontramos vários grupos. Isso também foi bacana para gente poder pensar o planejamento, propor algumas coisas que outros grupos já trabalhavam Brasil a fora.

Figura 2 – PET História – visita o Museu Cerro Corá



Fonte: Acervo do PET História

Quais ações o PET História desenvolveu que foram mais interessantes para a consolidação do programa no curso? E para a consolidação do curso?

Eu destacaria duas ações que permaneceram ao longo do período que eu estive como tutor do PET. Algumas outras foram importantes, mas não tiveram continuidade mesmo no tempo que eu estive, por exemplo, quando começamos o PET nós já trabalhávamos uma amostra de cinema ou uma discussão de cinema voltada para os estudantes do ensino médio. Era o *Cineclube História*, a gente fazia numa casa de cultura da prefeitura, perto

da Lagoa. Era um projeto que tinha mais de dez anos que a gente assumiu, antes de nós, era tocado por outros professores, e aí a gente incorporou no PET.

Figura 3 – PET História no Cineclube - 2011



Fonte: Acervo do PET História

Isso era muito bacana porque era uma oportunidade, a gente fechava acordo com professores da rede que levavam os alunos, acho que eram duas vezes por mês para assistir filmes e debater história. Isso nos aproximou bastante das escolas, mas não teve continuidade, depois por vários fatores que, naquele momento, a gente percebeu a mudança dos alunos e das escolas em Três Lagoas com a chegada e desenvolvimento das fábricas e os cursos profissionalizantes no Sistema S (SENAI) ou mesmo, por vezes, em algumas escolas os alunos não tinham mais o contraturno. A gente fechava acordo com os professores que incentivaram e levavam os alunos, mas no contraturno. E aí esses alunos do ensino médio estavam fazendo cursos técnicos, estavam todos nas fábricas, cursos ligados às fábricas e aí não tinham tempo para estudar no contraturno ou desenvolver atividades como essa de ensino e cultura. Inclusive, fizemos debate, escrevemos textos sobre

essa realidade em transformação em Três Lagoas que ajudam a entender as mudanças do espaço urbano da cidade.

Mas duas outras ações que destaco, que permaneceram por um bom tempo, foi a caixa de histórias. Na primeira pergunta eu falei que não tinha contato com grupo PET antes, mas essa era uma atividade, por exemplo, que eu conheci lá numa exposição na UFSC em Santa Catarina, mas eu não sabia que era do grupo PET, mas, enfim, estava na ANPUH em Santa Catarina e eu vi a exposição dos resultados do projeto semelhante, acho que com outro nome. E aí quando implementamos o grupo o PET me veio logo essa ideia de a gente formar aqui, tentar construir uma ferramenta de trabalho nas escolas que era um material paradidático que é a caixa de história. Então a gente se dedicou bastante na construção desse material para disponibilizar nas escolas. Nós fizemos pesquisas nas escolas, conversamos com professores, para depois desenvolver no grupo. Isso tomou bastante tempo do grupo, dos alunos na época, mas foi muito bacana porque os petianos foram instigados a um desafio mesmo de pensar temas da história voltados para o ensino fundamental e médio¹

Outro projeto que a gente teve no decorrer do período que eu estive como tutor, e que eu acho que ajudou bastante a pensar a licenciatura e o nosso curso, foi o acompanhamento que a gente fazia para os egressos e aqueles que desistiram do curso. Então o objetivo nosso era compreender o porquê havia alto índice de desistência no curso, isso era padrão para as licenciaturas e na história tinha algumas especificidades, tinha altos e baixos e a gente queria entender, então a gente passou a procurar ex-alunos que desistiram, aplicar questionários, fazer banco de dados e aí analisar. Isso gerou artigos, apresentação de trabalhos de resultados em eventos e ajudou a gente a pensar sobre o nosso curso. Acho que foi uma contribuição bastante significativa do PET para a história. E aí como o PET faz muitas atividades, tem várias outras ações que eu acho que contribuíram para divulgar o curso, para aproximar o curso da comunidade e das comunidades rurais. A gente fez várias ações na zona rural de Três Lagoas, bairros rurais e também

¹ A Caixa de Histórias se constitui em um suporte paradidático para estagiários e professores de História do ensino fundamental e médio. Ferramenta construída pelo grupo PET a partir de fontes escritas, iconográficas, audiovisuais e da cultura material representativas da história local e regional (em conexão com o nacional e o internacional).

indígenas. Chegamos a fazer excursões para a vivência nas aldeias indígenas do sul do estado.

Figura 4 – PET História no Cineclube - 2011



Fonte: Acervo do PET História

O que o PET trouxe para sua jornada como docente e como pessoa?

Olha, eu acho que eu sempre destaquei isso: que o PET me ensinou a trabalhar com os alunos de forma coletiva mesmo, colaborativa no sentido de um grupo, porque o trabalho docente na universidade é muito isolado, é muito individual, é um trabalho muito individual, você faz um mestrado, um doutorado, é você e as fontes. Há o diálogo, mas o diálogo é sempre com pares e também a partir do seu *locus*, então esse desafio, que foi um desafio gigantesco de você coordenar doze até dezesseis estudantes, meninas e meninos, num grupo que tem que trabalhar coordenadamente, tem que desenvolver, é um desafio gigantesco. Toma um tempo e também esse tempo inclusive que eu fiquei na tutoria, muitos outros projetos que eu desenvolvia eu paralisei, alguns eu consegui incorporar ao PET porque já eram atividades que eu desenvolvia antes, como pesquisa ou extensão, aí eu incorporei ao

PET para dar sequência, mas muita coisa eu não consegui. Por exemplo no contexto em que eu estava no PET eu não consegui aproveitar essa experiência para publicações, foi algo que no tempo que eu fiquei no PET pouco eu produzi em termos de publicações.

Agora as publicações e produções coletivas a gente fez bastante e foi esse aprendizado né, de ter a calma, de ser aquela pessoa que vai tentar resolver ou apontar soluções para os problemas de convivência, de vivência ali entre esses até dezesseis alunos e coordenar os trabalhos de forma que desse continuidade sempre, que as coisas caminhassem. Então acho que o PET nos ajuda a ser isso né, aquilo que a gente sempre pretendeu até como um ideal da universidade, da educação, do trabalho coletivo, do diálogo, dessa coisa da construção coletiva, o PET nos permite isso. Mas só que pra chegar a esse momento, pra desenvolver de fato o trabalho coletivo é uma labuta né, porque você tem que se desfazer de muitas formas que você trabalhava, muitas convicções ou de hábitos mesmo que você tinha de trabalho para se expor a aprender também com esses estudantes que estão chegando na graduação. Então isso eu acho que é bacana, é um aprendizado que eu levo para a vida toda agora, depois que eu saí do PET.

Como que a política do PET Conexões de Saberes contribuiu para uma política de integração e manutenção de jovens em situação de vulnerabilidade social na universidade pública?

Eu acho que foi muito importante. Foi uma política acertada na época, inclusive para a universidade e para os outros PET's que já existiam, compreender qual era essa especificidade, qual era a ideia do Conexões de Saberes. Não foi simples não, mesmo nacionalmente, porque foi uma política, um edital, vindo nacional, mas que quando você ia procurar instâncias no MEC para resolver problemas e mesmo compreender o programa você não tinha respostas, porque era aquela coisa padrão do PET tradicional.

Então, a diferença mesmo se deu na entrada, na forma da seleção para o grupo, porque também no trabalho cotidiano, na exigência para o PET, para os PET's era a mesma da quantidade de ações, atividades e avaliações era sempre a mesma. Então a diferença estava na entrada. Mas foi fundamental para a gente dar essa diversidade, porque aí é lógico que você tem o mérito, especialmente quando já está dentro do grupo que, por

exemplo pode ter reprovações, você tem que ter algum desenvolvimento acadêmico para permanecer. Mas aí a responsabilidade é também do grupo em dar esse suporte, em acompanhar o aluno, ou a aluna. Mas a seleção, portanto, permite essa diversidade e a permanência mesmo, porque é um programa que tem esse objetivo da permanência do estudante ou da estudante no curso, para que conclua o curso e com o desenvolvimento com qualidade, que consiga desenvolver todas as suas habilidades e permitem inclusive que esse estudante seja aquele que vá também ajudar outros alunos. Inclusive isso a gente sempre fez questão, que os alunos que estão no PET ajudassem os demais das suas turmas, os demais da graduação, porque ele está em uma condição melhor, porque tem um grupo que dá apoio e também tem uma ajuda financeira. Então isso foi fundamental. Acho uma pena que não teve mais expansão de grupos, criação de grupos Brasil a fora, eu acho que faz muito tempo que nem sei se tem mais edital de abertura de grupos, mas é algo que tem que ser retomado, tem que ser retomado para ampliar.

Como foi o processo de sair do PET História. O sentimento foi de dever cumprido ou de perda de espaço profissional?

Então, na época que eu estava e veio esse debate! Estava colocado o debate da necessidade de mudança e de limitar o tempo de permanência do tutor no PET. Eu não lembrava desse detalhe que era uma política só da UFMS e que não era nacional, ou pelo menos eu não entendia naquele momento ou 'sei lá', eu esqueci de que vinha uma determinação Nacional e do CLAA, mas enfim, eu também tomei a decisão de não permanecer e eu acho que assim foi muito bom. O PET é um trabalho muito intenso; você tem que viver intensamente o PET, porque te toma um tempo gigantesco, para as coisas funcionarem você tem que estar ali. E eu, portanto, entrei em 2010 e eu entrei na universidade em 2006, portanto quatro anos depois, eu já estava no grupo, aí fiquei de 2010 a 2016. Eu acho que fiquei seis anos, foram cinco anos porque entrei em final de outubro. Começou mesmo o grupo na realidade em janeiro, fevereiro de 2011 e sempre com muitas dificuldades em vista desse repasse financeiro que é sempre um dilema, nunca chega, ou

chega atrasado e que a gente recebe poucos recursos [na realidade] no tempo que eu estive.

Agora, eu então vivi intensamente, eu achei que já tinha dado pra mim, eu tinha conseguido, no caso, a gente tinha conseguido firmar o grupo dentro do curso, a contribuição já tinha estruturado o grupo como um grupo de apoio às atividades acadêmicas de divulgação do curso, que esse era o objetivo também, de mostrar o curso de História para a sociedade, a contribuição da história para a sociedade local. Então já estava meio firmado isso, aí eu falei bom, é um momento de eu sair agora para desenvolver outros projetos que aqui eu não consigo, porque é isso: os projetos ali são coletivos, tem sempre que mirar esses objetivos do PET e eu tinha outras pretensões também, a revista mesmo Trilhas da História que a gente criou e na época foi incorporada ao PET, eu saí do PET e fui para a Revista, então, mesmo que tenha saído, sempre estive ali no entorno, ajudando ou contribuindo nas atividades do grupo.

Então esse sentimento de dever cumprido, eu tive mesmo, para aquilo que eu tinha como objetivo, a gente conseguiu dar conta. Alguns tutores da época de outros grupos me questionaram: "ah, mas você deu um "trampo" danado pra criar o projeto e fincar no curso e agora você vai deixar?" Mas é isso também, não tenho um apego como se fosse um produto meu, não é uma tese não é uma dissertação de mestrado, é um grupo que é institucional e é do curso. Então eu sempre tive isso muito claro pra mim: é um grupo que estamos criando para o curso, independentemente de quem assumir a tutoria desse grupo, ele vai ter que continuar, o curso tem que cuidar para que ele continue. Isso foi tranquilo para mim, estava chegando a hora de eu descansar. Portanto, fui desenvolver outros projetos de extensão não vinculados ao grupo.

Como você descreveria o PET? E qual a sua importância?

Eu acho que o Programa de Educação Tutorial, ele é um programa que tenta dar conta dessa totalidade do que vem a ser a universidade e a formação acadêmica, então é uma pretensão de dar conta ou de atuar nessa totalidade do que venha a ser a formação acadêmica e a universidade. Nesse sentido, ele é um programa fundamental e os cursos que tem esse programa,

isso a agente discutia muito, eles fazem a diferença no curso que possuem grupos PET; o curso que tem esse programa ele é diferente porque o grupo tem esse encontro entre professores e a “molecada”, se envolvem em várias atividades e com essa formação do tripé do ensino, pesquisa e extensão.

Eu acho que para o aluno que participa do PET, não tem como sair mesmo indiferente. Lógico que tem diferença de aluno para aluno, mas agora, aquele que permanece por um certo período, que seja quatro ou dois anos, percebe que na formação [isso tivemos muitas experiências] faz a diferença e isso fez diferença na formação.

Então o grupo PET, ele tem esse objetivo, essa totalidade e ao mesmo tempo tem por objetivo isso: ele quebra aquilo que é muito forte dentro das instituições que é a especialização muito prévia ou muito iniciante, ainda do aluno na graduação já começa a se especializar em algumas coisas. Não é necessariamente o caminho seguido autonomamente pelo aluno, por vezes ele é colocado nessa situação da necessidade de se especializar a partir da intervenção mesmo dos professores, que começam a orientar nesse sentido. Então o que a gente sempre debateu é isso, é a formação do aluno: nós estamos formando professores de História, então ele tem que ter essa compreensão de uma totalidade dessa formação. Você pode até sair, como nós tivemos muitos alunos que saíram do PET e foram desenvolver pesquisas de Mestrado, pós graduação em temas específicos, mas que dá conta de dialogar com essa multiplicidade que é a formação do professor e a formação em História. Esse eu acho que é a grande contribuição no PET e é a que melhor descreve um programa dessa natureza: que é essa diversidade, e ao mesmo tempo o aprofundamento no estudo da graduação, da formação do estudo, mas também, da formação do aprofundamento na formação dos alunos e alunas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. [orgs.] **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MELO FILHO, José Fernandes. **Avaliação no contexto do Programa de Educação Tutorial**. Revista Eletrônica do Programa de Educação Tutorial -

Três Lagoas/MS, v. 3, n. 3, p. 24-45, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/REPET-TL/article/view/13663>. Acesso em: 05, setembro, 2022.

CENAPET. **Minuta do Manual de Orientações Básicas do Programa de Educação Tutorial. (padronizar a fonte)** 2014. Disponível em: <https://cenapet.files.wordpress.com/2014/10/minuta-mob-09-12-14.pdf>. Acesso em: 20, maio de 2023.

OLIVEIRA, V. W. N.; CARVALHO, C. F. S. . **Evasão na graduação**: estudo de caso. TRILHAS DA HISTÓRIA, v. 3, p. 97-112, 2014.]